

DE BORDES E INFINITOS. ACERCA DEL FENÓMENO DE DESPERSONALIZACIÓN.

DE LIMITES E INFINITOS.
SOBRE O FENÓMENO
DA DESPERSONALIZAÇÃO

ON EDGES AND INFINITIES:
REGARDING THE PHENOMENON
OF DEPERSONALIZATION

María Eugenia Fulvia Farrés
AEAPG
ORCID: 0009-0004-3557-3105
Correo electrónico: mariufarres@gmail.com

Fecha de recepción: 20-10-2024
Fecha de aceptación: 31-10-2024

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Fulvia Farrés M. E. (2024) DE BORDES E INFINITOS.
ACERCA DEL FENÓMENO DE DESPERSONALIZACIÓN.
Intercambio Psicoanalítico 15 (2), DOI:doi.org/10.60139/InterPsic/15.2.4
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

DE LIMITES E INFINITOS. SOBRE O FENÓMENO DA DESPERSONALIZAÇÃO

María Eugenia Fulvia
Farrés¹

1 Graduada em psicologia e professora de nível médio e superior em psicologia. Psicanalista de adolescentes e adultos. Secretária Científica da AEAPG. Membro plenária e professora dos cursos de pós-graduação da AEAPG - Un Lam. Ex-terapeuta e coordenadora da equipe de adolescentes do Centro Rascovsky. Ex-coordenadora da comissão organizadora do Congresso Anual da AEAPG (2015-2018). Autora de numerosos artigos psicanalíticos. Compiladora de "Psicanalistas do Século XXI. Dentro e fora do consultório" (Ed. Ricardo Vergara) Psicóloga da equipe da Clínica Santa Rosa.

"Há um conceito que é o corruptor e o desatinador dos outros. Não falo do mal cujo limitado império é a ética, falo do infinito"
(J. L. Borges, 1932)

Venho pensando no ilimitado. Sim, entendo que o infinito é corruptor. Não permite as diferenças. É liso, monótono. São os confins os que constituem a realidade. Também o corpo.

Outro desvelo: a angústia. Seus modos e formas: sinal, automática, ausente, hipocondríaca, lacerante, traumática, desorganizada.

Atravesso ambas preocupações e entendo. É isso do que todas falam. Todas as mocinhas que estou recebendo no consultório tratam a questão do infinito de seus corpos e angústias.

Compartilho com elas:

"Era o mais parecido a estar drogada, mas sem estar assim...Tudo é irreal, desdesenhado, como se lhe as luzes de um automóvel. Também faltam as forças, o corpo não sustenta, fica diluído. É como se me olhara desde fora, caindo..."

"É como estar em outro lado, não ser eu mesma, mas só em esse momento...depois acaba. É estranho, me faz sentir rara".

"Estava sentada no chão e parecia que diminuía meu tamanho, os leitos se aproximavam, o quarto crescia, se fazia grande, depois pequeno outra vez...Como se fosse um filme".

Apresentações cada vez mais habituais na clínica de hoje, os fenômenos de despersonalização têm sido antigos protagonistas da psiquiatria - não tanto da psicanálise clássica - que tendia a relacioná-los em forma quase exclusiva com as psicoses. A clínica do grave os tinha como autores principais e seu aparecimento sempre preanunciava diagnósticos catastróficos.

Para a psiquiatria clássica "A despersonalização constitui um transtorno de natureza subjetiva (...) se traduz por um sentimento de estranheza, consecutivo à sensação de uma alteração profunda da pessoa" (Betta, 1981, pág. 256). Outros autores preferem falar de estranhamento, uma vez que todos os sentidos funcionam com exatidão, "seja que a perturbação se encontrar na visão, na audição ou no pensar vinculado com os objetos, o resultado é sempre a falta de familiaridade". É nesse lugar que este autor (Federn) localiza a perturbação nas fronteiras do ego, definidas como "o órgão sensorial para qualquer apercepção da realidade" (Abíznano, 2019).

Fenômenos próximos ao desconhecimento do si mesmo, que fazem questão da co-pertença do ego-corpo. É o mesmo Freud (1919) quem refere como ominosa uma experiência de esse tipo, onde as coordenadas têmporo -espaciais estão em xeque e o corpo se apresenta como simples autômato que aglutina segmentos desmembrados.

Sustentarei que ego e o corpo, unidos indissolúvelmente desde os inícios, são afetados mutuamente. Assim, a desestabilização das fronteiras corporais questiona também a estabilidade do ego e vice-versa. Nada significativo acontecerá no organismo sem alterar a pulsão Freud, 1905) ... e toca ao Ego ser seu centauro.

Percebemos o ego como "a parte profunda da psique alterada pela influência direta do mundo exterior, com a mediação de P-Cc: por assim dizer, é uma continuação da diferenciação de superfícies (...) O corpo próprio e sobretudo sua superfície é um sítio do qual podem partir em forma simultânea as percepções internas e externas. *É visto como um objeto outro...*" (Freud S. , 1923, pág. 27).

Nos momentos de despersonalização, a diferenciação vacila, perde nitidez. A imagem do corpo e suas arestas esbarram. Recorta-se em primeiro plano esse "*objeto outro*" no qual o corpo pode transmutar-se. Esse outrem do corpo o desnatura. Alheio que se revela íntimo. Intimidade que se revela alheia. Duplicações e desdobramentos. Espelhos que se multiplicam até o infinito. Fenômenos que assustam, atemorizam, angustiam.

A presentificação terrorífica de um corpo antes próprio e hoje alheio, duplicado, e até fragmentado questiona as coordenadas da cotidianidade, do familiar. Avizora disposições psíquicas arcanos e superadas? Em relação ao sinistro lemos em Freud (1919) "A presença de «duplos em todas suas gradações e plasmações (...) a identificação com outra pessoa até o ponto de enganar-se sobre o próprio eu ou localizar o eu alheio no lugar do próprio – quer dizer, duplicação, divisão, permutação do eu-; e, por último, o permanente retorno do que é igual" (Freud S. , 1919, pág. 234) "... trata-se de um retrocesso a fases singulares da história do desenvolvimento do sentimento do eu, de uma regressão a épocas nas quais o eu ainda não tinha-se deslindado em forma neta do mundo exterior, nem do Outro" (Freud, 1919,pág. 236).

Uma linha mais adiante localizará o duplo como modo de defender-se do aniquilamento. E ainda como seu oposto: ominoso anunciador da morte; poderíamos pensar esses momentos de vacilação nos quais os ominosos duplos se fazem presentes, como quedas do velo narcisista que recobre o corpo desmembrado do auto-erotismo?

Penso outra vez nos limites... os que faltam nos corpos frouxos de essas moças. Aqueles que conduzem ao tempo no qual a fronteira corporal ainda não tinha sido demarcada.

De esta maneira, pelo caminho da estranheza, da diluição dos limites corporais e da duplicação nos aproximamos à pergunta pelo corpo da espregueira auto-erótica.

Entendo o auto-erotismo como uma colocação libidinal prévia à investidura da imagem totalizadora oferecida pelo outro do espelho, onde as parcialidades da pulsão se satisfazem anarquicamente na zona erógena que as observou nascer.

O auto-erotismo, fornece ao cachorro humano um prazer “prêt-à-porter”, que no entanto se esgota, anárquico e entrópico, em si mesmo quando a satisfação alucinatória se demonstra insuficiente. Então se fará imprescindível o outro que, com seu sustento apalavrado e sua ternura acariciante possa construir o corpo unificado do Narcisismo. Esse que representará, daqui por diante, o ego.

No melhor dos casos, a anarquia do orgânico ficará oculta para sempre, detrás de esse corpo imaginariamente íntegro do reflexo. Mas “a eficácia continuada do auto-erotismo” (Freud S. ,1912/ 1995, pág. 227) -entendida como vigência do princípio do prazer (ou ainda do além) em desmedro do princípio da realidade - espreita perene e aterradora. “O ominoso da vivência responde a condições muito mais simples (...) sempre pode ser reconduzido ao reprimido familiar de antigo” (Freud S. , 1919, pág. 246)

Assim o ego, cobertura e reverberação de “isso outro” que o corpo é, se revela como ensablamento (zusammengehende) (Freud S. , 2011/1923, pág. 373) , passível tanto de juntas quanto de rompimentos, de interrupções e armados alinhavados. Puxado, incoerente e escindido desde a origem. Os fenómenos de despersonalização fazem questão da capacidade de ligação do ego, sua função inibidora de descarga.

Conhecemos, a partir do Projeto, a importância da memória e da qualificação. A pura quantidade, o excesso quantitativo, é traumático para o Aparelho incipiente. Sua função primária consistirá em tornar-se livre de esses estímulos, descarregá-los. No entanto, isto interromperia a vida biológica. Dali a importância de tolerar certas magnitudes para fazer frente às necessidades do organismo (função secundária do Aparelho). A principal tarefa do ego é inibir essa descarga a zero (que implicaria a morte do organismo) para possibilitar a demora e com isso a comunicação e a vida. A vivência de satisfação modela a forma na qual a quantidade se junta a outro do auxílio e a uma estrutura de sentido que facilitará a descarga pelas vias mais adequadas e deverá conter no seu núcleo a excitação mesma. Este montante energético deverá se recobrir com representações que entrando em relacionamento com outras irão construindo cadeias associativas, demorando a descarga e tornando complexo o Aparelho para suportar a obrigação vital, acorde com a função secundária do psiquismo (tolerar quantidades).

Continuando com esta lógica entendemos a existência de um núcleo atual em todo sintoma psiconeurótico ou psicótico (o “grão de areia”) que persiste sem ligação representacional. Portanto, se entende assim a possibilidade de um modo de funcionamento atual-neurótico que opera em paralelo com qualquer outro e presto para procurar descarga a zero perante situações de alagamento quantitativo. De essa maneira coexiste o modo secundário de funcionamento psíquico, dirigido pelo princípio do prazer com o primário, tendente à descarga absoluta, então fora de qualquer regulação da constância: além do princípio do prazer. Mas regressemos ao ego e suas desventuras.

Este ego, vassalo de múltiplos amos, se declara incompetente perante a pulsão impossível de deter, pertinaz, rebelde... desatinadora de corpos, essa que a compulsão da repetição presentifica de maneira sinistra, além do princípio do prazer. "O que é ominoso da epilepsia, da loucura, tem a mesma origem. O leigo assiste aqui à exteriorização de umas forças que nem tinha suspeitado no seu próximo, mas do qual a moção se sente capaz em algum remoto recanto de sua personalidade" (Freud S., 1919, pág. 243).

É a propósito de esta repetição ominosa que Freud fará menção a regressões a épocas infantis, no qual o eu ainda não tinha sido deslindado netamente do mundo exterior nem do Outro; situações que trazem a presença próxima de aquilo que deveu ficar oculto? Insistência do desvalimento inicial perante a enormidade do outro? Persistência do corpo desmembrado do autoerotismo?

Levarei mais longe a metáfora entendendo o sinistro como a forma mais concernida e ao mesmo tempo mais alheia da angústia. Estocada capaz de desgarrar a consistência do eu-corporal e expor o desvalimento mais obscuro. Paralizante e perturbadora como um sismo. Angústia automática que não permite o ego implementar alguma defesa, também não construir o sintoma...

Em esses instantes (posso dizer instantes se o tempo se tem desquiciado?) Somente prima a descarga, a função primária do aparelho. Afeto desqualificado, sem palavras com soma demais, privado de sentido, narrativa ou história... além do princípio do prazer.

Fora de tempo e de lugar, como ilustram as vinhetas do início, os fenômenos de despersonalização parecem operar de acordo com o modelo das neuroses atuais: afetação somática sem correlação simbólica. Ou podemos pensar na insuficiência dos recursos psíquicos de estas moças para o trâmite de algum resto traumático? A percepção (núcleo do ego) se desarticula e com ela os limites tanto da imagem corporal como da realidade. Resulta impossível construir uma gestalt aperceptiva que recuse a unidade ao organismo. Palavras que descrevem sem historizar. Momentos onde tudo se fragmenta, se duplica, se congela, em fim... se desborda...

Limites que não cercam. Angústia desbordante y desbordada. Corpos evanescentes, infinitos... terra que não é do mítico, mas do místico.

"Não podemos dar razão da peculiaridade do psíquico mediante contornos lineais como no desenho ou na pintura primitiva; melhor ainda, mediante campos colorados que se perdem uns nos outros, de acordo como fazem os pintores modernos (...). É possível imaginar, também, que certas práticas místicas possam conseguir desordenar os vínculos normais entre os diversos distritos anímicos, de maneira que, por exemplo, a percepção alcance unir, no profundo do eu e do profundo da psique, nexos que de outro modo lhe seriam inexequíveis." (Freud S., 1933/1993, pág. 74) assinala Freud na Conferência 31.

Os limites que dividem as províncias psíquicas se descobrem móveis nos momentos de comoção e a adolescência é um deles. A desorganização temporária do Aparelho própria de este trânsito vital, com seu ardor pulsional, suas claudicações simbólicas e seus destempos carnis, transportam rompimentos e separações na homeostase psíquica que cada moça tramitará de acordo com seus recursos internos e as ficções propostas por cada época.

Ainda bem, que motiva esta apresentação clínica em particular?; por que tão frequente?; trata-se de modos psicóticos de habitar a realidade?

Não parece. É preciso deixar esclarecido que se trata de adolescentes, psiquismos frágeis, arrasados pela tormenta puberal e ainda em construção.

Depois de fazer uma análise do mencionado acima, aventurarei dizer que, se bem na maioria das vinhetas apresentadas, as associações estiveram ausentes no que se refere ao episódio em si mesmo, não observei certeza, também não a operatória do mecanismo de recusa radical (Verwerfung) de aspectos da realidade, nem a restituição posterior.

Pelo contrário, insiste em mim a pergunta pela “familiaridade” que se perde em cada um dos relatos: com o corpo, com os espaços habitus, com ou sem mesmo. De qué protege o episódio de despersonalização?; Que freia?; Tem um relato a traduzir nesses momentos de estranhamento ou são somente descargas?

A estase libidinal, presentificada pela angústia automática e as crises de pranto, manifestam a insistência passional e muda de Thanatos. Tendência conservadora que desliga e afasta da possibilidade de tramitação das magnitudes através de palavras.

No entanto, tenho a intuição que esses momentos de estranheza comunicam “algo”, a aquela pessoa que saiba ler os mesmos. Irei pela pista que me facilitou uma de minhas jovens protagonistas.

Tinha notado que cada tarde, ao chegar e ao despedir-se, me abraçava forte, muito forte. Quando passaram os afogamentos começaram os momentos de estranheza com o próprio corpo e a perda transitória das coordenadas témporo -espaciais. A partir dali o pranto é uma catarata que a emudece na sessão. Não pode falar, não quer falar, me diz. Transcorrem uma, duas, três sessões nas quais tento descrever aquilo que vejo, no entanto ela chora. Nomeio suas posições. Baptizo seus sons. Acompanho o ritmo de sua respiração. E nada. Cada sessão é igual. Repetição compulsiva de um corpo que aparece, se afoga emudecido em pranto e fecha sua presença com outro abraço mendicante de tradução?

Na sessão seguinte arrisco. Faço uma aposta de algo diferente. Ela segue chorando, quase afogada entre as lágrimas. Esta vez lhe peço licença para tocá-la. Assente com a cabeça e a abraço com firmeza e consistência. Ofereço-lhe apoio. O pranto é ainda mais irrefreável. Não tenta falar; nem eu. Solta o peso sobre meu ombro. Afrouxa todo o corpo. Passam os minutos e seu tempo conclui. Despedimo-nos com outro abraço até a semana seguinte.

Durante a semana me escreve. Quer dizer por escrito porque sabe que não poderá expressar com palavras na sessão. Descreve um corpo que se oferece, como se renunciasse para entregá-lo ao sacrifício, exercendo sua vontade até o desmaio, literalmente. Necessita que alguém lhe ofereça um “atalho”, mas não pode ser de sua família. Eles estão “acima demais”.

“acima demais” fala do temor à consumação incestuosa representada no encerramento endogâmico? Os episódios de despersonalização a fazem desaparecer da cena familiar? A fazem desacostumar?

Pouco a pouco está falando novamente. Chora menos e aceita que faça questão sobre a quantidade de horas que passa no ginásio. Os momentos de estranheza estão espaçando-se.

Hoje significo de outra maneira seus abraços como sinais de percepção, restos do observado e do ouvido, expectantes de encontrar as representações nas palavras que permitam sua tradução à língua de Eros.

Sigo pensando no ilimitado. Quiçá esse seja o modo de combater esse continuum desatinador que é infinito: fazendo bordes e hendiduras que rodeiem e limitem corpos, goces e realidades.

A modo de conclusão, sem pretensão concludente por certo, direi que os fenômenos de despersonalização aparecem hoje com mais frequência na clínica com adolescentes. Manifestam-se como apresentações com pobre conteúdo simbólico, a predomínio do modo atual – neurótico. O empurrão puberal desbordante põe em questão os limites entre instâncias psíquicas. Descarga direta no “órgão” reitor da percepção: o ego. Assim se altera o ego corpo. A satisfação direta no corpo, além do princípio do prazer, parece coexistir (neurose mista?, desgarro constitutivo do ego?) com alguma ligeira cobertura representativa que consegue, no melhor dos casos, comunicar em ato aquilo que fica por fora das palavras.

As intervenções analíticas, sempre caso por caso, se dirigem à reconstrução da superfície corpo e dos limites do ego, assim como à possibilidade de apalavrar os momentos de estranheza para dar curso ao montante de excitação através de alguma simbolização possível.

Referências bibliográficas:

- Abinzano, R. (julho-dezembro de 2019). A despersonalização em psicanálise. *Revista Afectio Societatis*, 16(31). doi:DOI: 10.17533/udea.affs.v16n31a0
- Betta, J. (1981). *Manual de psiquiatria*. Buenos Aires: Centro Editor Argentino.
- Borges, J. L. (1996). Discusión. En J. L. Borges, *Jorge Luis Borges. Obras Completas* (Vol. 1). Barcelona: Emecé.
- del Olmo, J. D. (2024). As formas de tocar um corpo. O uso do corpo do terapeuta em psicoterapia psicanalítica. Em A. Trimboli, *A urgência subjetiva*. Buenos Aires: AASM.
- Farrés, M. E. (2024). Acerca da proteção das palavras. Em M. E. Farrés, & S. Vorobechik (Ed.), *XVI Congreso ínual e XXXVI Amposium AEAPG. A angústia: sinal do atual?* Buenos Aires: AEAPG.
- Frenkel, P., & Mandet, E. y. (2003). *De exílios e margens em psicanálise. Acerca de além do princípio do prazer*. Buenos Aires: Edições de poesia e psicanálise .
- Freud, S. (1905/1995). Tres ensayos de teoría sexual. En S. Freud, *Sigmund Freud. Obras Completas* (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1919/1993). *O ominoso*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1923/1993). *O eu e o outro* (Vol. 19). (J. Etcheverry, Trad.) Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1933/1993). A descomposição da personalidade psíquica. Em S. Freud, *Sigmund Freud: Obras Completas*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1950 [1895]1995). Projeto de psicologia. Em S. Freud, *Obras completas: Sigmund Freud* (J. Etcheverry, Trad., Vol. I, págs. 323-437). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1911 /1995). Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico. Em S. Freud, *Obras Completas Sigmund Freud* (págs. 217 - 231). Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1923/2011). *O eu e o outro:manuscritos inéditos e versão publicada/ Sigmund Freud*. (J. C. Cosentino, Ed.) Buenos Aires: Marmol/Izquierdo Editores.
- Lacan, J. (2009/1962-1963). O Seminário de Jacques Lacan, Livro 10: A angústia. Buenos Aires, Argentina: Paidós.
- Lloves, N. (2024). Sobre o atual das neuroses, o grão de areia e os anómalos sexuais. Em M. E. Farrés, & S. Vorobechik (Ed.), *XVI Congreso Anual y XXXVI Symposium AEAPG . A angústia: sinal do atual?* Buenos Aires: AEAPG.
- Winograd, B., & Yospe, J. (1984). São atuais as neuroses atuais? *Revista AEAPG* (9).